



Críticas

A Vida em Surdina David Lodge

★★★★★
Edições Asa 16€



O título em português é a solução possível. Mas olhemos para o original, nem que seja por ser absolutamente "Lodgiano": *Deaf*

Sentence. Uma sentença de surdez que, linguisticamente, se aproxima de uma sentença de morte – *Death Sentence*.

Se estas expressões inglesas fossem ditas e não escritas, um surdo teria bastante dificuldade em distingui-las. Como Lodge explica no romance, a sua distinção na língua inglesa depende muito do contexto. E nem sempre um surdo consegue ouvir a frase toda. Uma lição que é fundamental neste livro por uma razão muito simples: o protagonista, Desmond Bates, está a ficar surdo. E sofre com isso não apenas pela dificuldade em ouvir. Sofre porque essa surdez se apresenta como o sintoma definitivo de uma inevitabilidade que passamos a vida toda a tentar ignorar – a velhice. E, em última instância, a morte.

Bates, professor universitário, reformou-se antes de tempo por causa da surdez, um mal que, ao contrário da cegueira, provoca nos outros mais irritação do que piedade. Tem uma mulher mais nova que o assombra com a sua vitalidade. Debate-se com o tempo livre que não sabe ocupar. E se por um lado se confronta com o definhar do pai, por outro deixa-se agitar por uma jovem estudante.

Com este livro, Lodge está totalmente no seu terreno. A vida universitária, que é o seu pano de fundo real e que o colocou como um dos fundadores de um género que se poderia chamar algo como romance académico, está mais uma vez presente. Mas é curioso como aqui, ao contrário de grande parte da sua obra, optou por mergulhar perigosamente no tema da velhice. No entanto, este livro não é um drama. No palco de Lodge a vida tem tanto de tragédia como de comédia e, mais uma vez, ele tece como ninguém a exactidão dessa fronteira. *Mafalda Castro*

O Planalto e a Estepe Pepetela

★★★★★
Dom Quixote 14€



Apesar da dispersão geográfica e temporal que percorre *O Planalto e a Estepe*, o novo romance de Pepetela (Angola, Rússia, Mongólia e Cuba

vivididos entre a década de 1960 e os dias de hoje), há uma precisão e uma secura da palavra a filtrar a memória e que obriga o leitor a desdobrar-se pelos territórios afectivos do livro. Não por acaso esta é a porta de entrada da obra: "A minha vida se resume a uma larga e sinuosa curva para o amor."

Júlio, branco de olhos azuis, nasce no sul de Angola na Huila. Vem ao mundo num tempo em que as casas eram cobertas com chapas de zinco. A chuva que cai no telhado vai oferecer ritmo sincopado à banda sonora da cartilha de um futuro revolucionário às voltas com o curso de economia numa das capitais dos impérios da Guerra Fria.

Mas subitamente, na Moscovo dos anos 60 há um ponto de inflexão: Sarangerel significa luar em mongol mas também é o nome da estudante que vai mudar a vida de Júlio.

A partir daqui o romance galopa a história de Angola até aos nossos dias, o apodrecer e o desabar do comunismo internacional, mas sempre na perspectiva de um homem que só se agiganta porque acredita no triunfo do amor. No resto, o tempo "devagarinhovagarinho" vai deixando marcas físicas no velho general Júlio que trilha os caminhos da sapiência e que gosta de se identificar com um cágado de carapaça dura que vê passar os esfaimados e coléricos elefantes e os leões candidatos aos despojos do dia.

No final, *O Planalto e a Estepe* acaba por premiar leitores com nervos à prova de aço, que sabem reconhecer os heróis que sobrevivem à espuma da história. É a esses que Pepetela oferece um dos mais belos finais felizes dos últimos tempos, escrito em português. *Rui Lagartinho (jornalista RTP)*

A Casa da Praia do Açúcar Helene Cooper

★★★★★
Quidnovi 16,65€



Helene Cooper é uma respeitada jornalista do *New York Times* que conta, no currículo, com 12 anos ao serviço do *Wall Street Journal* como

repórter internacional. Habituada a dominar a fronteira onde a História se cruza com a vida quotidiana, aquele espaço ténue que pode fazer de uma reportagem um texto inesquecível, não é de estranhar que a autora consiga escrever a sua própria história num registo que deve tanto ao jornalismo como à autobiografia.

Nascida na Libéria, Helene passou parte considerável da infância na praia do Açúcar que dá nome ao livro. Descendente de escravos norte-americanos, Cooper cresce entre a escola americana que frequenta e a influência local, que em momento algum se mostra hostil. Rodeada pelas irmãs, pelos primos e por

Eunice, uma irmã adoptiva que ocupará um papel fundamental na sua vida, Helene não pode imaginar o que o futuro lhe reserva, até ao dia em que os soldados rebeldes de Samuel K. Doe tomam o poder, em 1980. Entre vários episódios violentos, a família Cooper consegue fugir para os Estados Unidos, deixando alguns membros para trás, nomeadamente Eunice, que prefere ficar.

Nos EUA, Helene Cooper faz-se jornalista e chega ao *Wall Street Journal*, que a levará aos quatro cantos do mundo. O regresso à Libéria acontece em 2003, acompanhado de algum remorso: "Cada vez que entrava num avião (...) eu devia era estar a dirigir-me para a Libéria (...) para encontrar Eunice" (p. 319). Num Libéria muito diferente da que recordava, Helene fechará a sua narrativa do mesmo modo que a abriu, com um estilo marcadamente jornalístico a conviver de modo exemplar com o tom autobiográfico – o tal espaço capaz de fazer de uma reportagem um texto inesquecível. *Sara Figueiredo Costa*

Como eu escrevo Alice Vieira

Sou de rituais. Há quem diga que sou de manias...

Antes de começar a escrever – coisa que (pelas vicissitudes da vida e não por gosto, entenda-se) só começo a fazer lá pelas dez da noite – escolho o CD que me vai acompanhar.

Só consigo trabalhar com música – mas sem palavras. Nestes últimos tempos tenho oscilado entre Rachmaninoff e a música de Eleni Karaindrou para o filme *Dust of Time*, de Theo Angelopoulos.

Depois vejo se a máquina de café continua operacional ao lado da impressora, que é para nem ter de me levantar para fazer os litros de café que me mantêm acordada até às quatro da manhã.

Tomo apontamentos em cafés, aviões, comboios, nos moleskines de que sou dependente e que os meus amigos me vão dando em natais e dias de aniversário (e eu festego com igual devoção o dia de anos e o dia de Sta. Alice) – mas só consigo escrever na minha mesa, colada à janela para ouvir os barulhos da rua, e diante da parede onde tenho as fotografias dos homens da minha vida, mais a de Érico Veríssimo, o escritor que eu mais amei em criança e adolescente.

Adoro canetas, mas sempre escrevi directamente num teclado – na máquina de escrever e agora num portátil – que nunca sai da minha mesa.

O processo de escrita é complicado: nunca tenho nada estabelecido previamente. Sinto-me uma espécie de espectadora a ver um filme: "vejo" uma escada, alguém a subi-la, uma porta a abrir-se e, de repente, uma frase surge na minha cabeça, escrevo-a, e a história começa. A história nasce sempre dos meus dedos no teclado. Antes disso, não há história nenhuma. *Alice Vieira comemora 30 anos de carreira e acabou de lançar "O Que Dói às Aves" (Caminho) e o romance "Treze Gotas ao Deitar" (Oficina do Livro), com outras autoras.*

